

## RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA EM TERAPIA OCUPACIONAL NO CAMPO SOCIAL

***Nathália Gabriela Nunes<sup>1</sup>; Clara Isabel Saeta Moya<sup>2</sup>***

<sup>1</sup>Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Ciências da Saúde, Av. Shishima Hifume, 2911- Urbanova, nathalianunes\_to@hotmail.com,

<sup>2</sup>Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Ciências da Saúde, Av. Shishima Hifume, 2911- Urbanova, claramoya@terra.com.br

**Resumo** - A Terapia Ocupacional nos permite pensar num indivíduo não como um somatório de partes fragmentadas, mas sim em alguém inserido em seu meio social, considerando o seu contexto e as variáveis que ele traz, possibilitando assim uma atuação que vai além das instituições. O presente trabalho pretende apresentar um relato de experiência de um grupo de alunas do curso de Terapia Ocupacional da Universidade do Vale do Paraíba no campo social, através do Projeto Social Vale a Pena Viver. Essa intervenção buscou através de atividades lúdicas, aumentar o espaço de trocas e vivências de crianças e adolescentes moradores de uma comunidade na periferia de São José dos Campos - SP em situação de vulnerabilidade social. Acreditando que através do brincar se desenvolvem algumas capacidades, estimula-se a socialização, a imaginação e a criatividade, pudemos observar que essas crianças e adolescentes puderam se expressar, desenvolver papéis sociais, elaborar seus sentimentos, assimilar e explorar o mundo ao seu redor.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional (TO), comunidade, social, brincar.

**Área do Conhecimento:** Ciências de Saúde

### Introdução

Segundo a World Federation of Occupational Therapy (2003), a Terapia Ocupacional é um campo de conhecimento e de intervenção em saúde, educação e na esfera social, reunindo tecnologias orientadas para a emancipação e autonomia das pessoas que, por razões ligadas a problemáticas específicas, físicas, sensoriais, mentais, psicológicas e / ou sociais, apresentam, temporariamente ou definitivamente, dificuldades na inserção e participação na vida social. A Terapia Ocupacional na área social teve seus primeiros momentos nos anos 70, quando alguns profissionais brasileiros compreenderam a necessidade de atuar em projetos de ações sociais e em instituições até então distantes de seus interesses.

Conforme Lopes (1999), a crítica ao desenvolvimento da assistência em saúde e em reabilitação, feita por movimentos sociais, coloca em cena demandas de atenção em relação à saúde mental, à saúde da pessoa com deficiência, aos idosos, às crianças e aos adolescentes, dentre outros grupos populacionais. Trata-se do questionamento, nesse momento, da centralidade da assistência hospitalar e de caráter asilar para alguns daqueles grupos e filantrópica e beneficente para outros, bem como de discussões acerca da necessidade de implementação de

políticas sociais, para ampliar o acesso à saúde, à educação, ao trabalho e a melhores condições de vida para a população. Essa questão permitiu que se percebessem os riscos e as necessidades de definir limites para a intervenção terapêutica. Possibilitou ainda, a busca de novas metodologias e novos referenciais teóricos, históricos e dinâmicos, para que se pudesse entender o paciente não como um somatório de partes fragmentadas, mas como um ser social inserido num contexto.

Segundo Barros et al (2002) é através do território, do lugar onde se vive, que se podem observar diferentes maneiras de existir, sonhar, viver, trabalhar e realizar trocas sociais. Essa noção exige que se compreenda uma intervenção em saúde que supere a noção de riscos, que vá além de isolar e escolher determinadas variáveis, geralmente de ordem biológica, para o desenvolvimento das ações de saúde. A intervenção em saúde deve estar pautada pela noção de chances de vida, buscando trabalhar a partir de uma visão do ambiente ecológico e social em que as vidas em questão se tecem. Dessa maneira, entende-se que as chances de vida determinam as chances de saúde das pessoas. De acordo com a autora, a proposta de um campo social na Terapia Ocupacional assume, nos anos 90, novos sentidos e diversas implicações, resultado da renúncia à adoção de modelos

redutores e de perspectivas simplificadoras sobre os quais se ergue o conhecimento com base num objeto abstrato: a atividade como recurso terapêutico. Problematizando o conceito de atividade, a partir de uma perspectiva que o inscreva num contexto sócio-cultural, o qual atribui sentido particular e específico às atividades, permitindo assim que estas sejam instrumento de emancipação pessoal e social.

O presente trabalho relata uma experiência de intervenção de um grupo de alunos do curso de Terapia Ocupacional junto à crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, a fim de aumentar o espaço de trocas e vivências destes, através de atividades lúdicas.

### Metodologia

Esta foi uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados a observação participante, além de fotografias e vídeos. E como meio de registro, os relatórios de campo do pesquisador com a descrição do grupo e as atividades realizadas na intervenção. Este trabalho relata a atuação de um grupo de alunas do oitavo período do curso de Terapia Ocupacional da Universidade do Vale do Paraíba-SP no campo social, junto à crianças e adolescentes de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social.

As atividades foram realizadas semanalmente, durante 2 horas, com um grupo de 20 crianças e adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de 3 à 12 anos, moradores do bairro Vila Dirce. Foram desenvolvidas através do Projeto Social Vale a Pena Viver, desenvolvido através da Fundação Valeparaibana de Ensino – FVE, entidade sem fins lucrativos e de assistência social, mantenedora da Universidade do Vale do Paraíba. As intervenções aconteceram no pátio da Obra Social Nossa Senhora de Fátima, localizada na zona norte de São José dos Campos, São Paulo.

### Resultados

Nos primeiros encontros foi percebido que as crianças brincavam separadamente, e sempre na mesma atividade. Os meninos passavam o tempo todo jogando futebol, só fazendo um breve intervalo para o lanche e as meninas ficavam num outro ambiente fazendo desenhos livres. No início das intervenções houve uma pequena resistência por parte deles, em mudar sua rotina até então realizada. Foi proposta a divisão do tempo em três partes, sendo que na primeira os meninos iriam jogar bola enquanto as meninas realizariam atividades dirigidas; na segunda parte os meninos fariam atividades dirigidas enquanto as meninas iriam para o pátio brincar. E após o lanche, a última parte, seria realizada no pátio com

atividades grupais (gincana). Após um período de negociação, a proposta foi aceita, e as meninas ficaram muito felizes porque também iriam poder usar o pátio espaço até então restrito ao futebol.

Nos encontros posteriores, foram promovidas atividades lúdicas, resgatando brincadeiras tradicionais infantis como: mãe da rua; corre cutia; duro ou mole; queimada; cobra cega, dentre outras. Foram oferecidas oportunidades para que eles confeccionassem materiais lúdicos (massinha, jogos, brinquedos com sucata ente outros) e experimentassem atividades expressivas como a dança, a pintura o teatro e a contação de histórias, bem como atividades para desenvolver o raciocínio lógico. Também foram realizadas festas e passeios (visita ao CPS – infantil da clinica da Univap e no borboletário e serpentário, festa junina, dia das crianças e natal). Procurou-se criar novas possibilidades, tanto a partir do repertório das crianças como introduzindo novas brincadeiras e materiais. Nas propostas de atividades, houve a preocupação de que as experiências pudessem ser vividas de modo a produzir momentos de convivência e aprendizagem (AOKI et al., 2006).

Durante a intervenção do grupo de alunas do curso de Terapia Ocupacional com as crianças e adolescentes, procurou-se a todo o momento resgatar o espaço do brincar, o direito de ser criança. A grande maioria dos participantes passava um período do dia na escola e o outro assistindo televisão ou ajudando os pais em afazeres domésticos, devido a limitação do espaço para brincar, já que o bairro não possui recursos e áreas coletivas de lazer.

Durante os encontros, no momento da escolha das provas que seriam realizadas no decorrer da gincana, foi sugerido pelas crianças e adolescentes que a dança fosse uma das provas. Ouvindo o pedido deles, foi proposto então que tanto as meninas quanto os meninos deveriam escolher um tipo de música, ensaiar e depois ensinar um pedacinho da dança para o outro grupo, e este deveria aprender a dançar também, sendo que todas as etapas estariam valendo pontos.

A gincana teve também outras provas como a mímica, o soletrando e o qual é a música e por fim a apresentação da dança. No dia da apresentação todos vieram caracterizados, seja como um laço no cabelo, seja com uma peça de roupa, as meninas de anos 60 e os meninos de black. Eles dançaram e ensinaram entusiasmadamente a dança, e tiveram como público os pais, amigos e vizinhos que vieram assistir a apresentação, que causou grande mobilização e envolvimento da comunidade.

E por fim, o deslocamento de alunos do curso de Terapia Ocupacional para o espaço da rua, foi reconhecido positivamente pelas crianças,

familiares e líderes da comunidade. Uma forma de aprofundar o conhecimento sobre a infância e apontar a importância de espaços criativos de encontro entre crianças em áreas empobrecidas (LOPES et al., 2001).

## Discussão

As atividades proporcionaram um espaço de trocas, vivências e integração entre as crianças e adolescentes. Resgataram algumas brincadeiras tradicionais que eles não conheciam; proporcionaram situações em que tiveram que obedecer a regras e limites, fato este que posteriormente eles passaram a gostar, principalmente na realização da gincana onde tudo foi combinado previamente. Ao longo do período de intervenção, as crianças e adolescentes passaram a participar mais ativamente das atividades propostas, demonstrando-se mais criativos, extrovertidos e expressivos.

O uso de atividades lúdicas foi importante mediador de relações, através das quais foi possível reconhecer capacidades, possibilidades e dificuldades das crianças, como também importante forma de expressão, por parte dos participantes, revelando desejos, potencialidades, conflitos, auxiliando na compreensão de uma determinada inserção cultural, histórica e social (AOKI et al., 2006).

Conhecer o contexto territorial e as condições de vida da população a ser atendida, tem sido muito importante para se pensar em propostas de intervenção no campo social. Segundo Barros et al (2002), a Terapia Ocupacional social busca um maior compromisso com a população que assiste por meio do conhecimento da sua realidade, das suas necessidades e das maneiras pelas quais as pessoas compreendem o seu mundo e o seu cotidiano. Promove um espaço para reflexões das possibilidades e limites da atuação na atenção a grupos sociais em processos de rupturas das redes sociais de suporte, exigindo um perfil profissional aberto às necessidades do outro. Esse outro, aliás, contextualizado e em permanente relação com o meio que o produz e é produzido por ele, no qual o terapeuta ocupacional também participa e intervém. Isto pôde ser observado na intervenção proposta uma vez que foi possível construir uma nova rotina, onde as necessidades de crianças e adolescentes puderam ser expressas, aceitas e vivenciadas em sua comunidade.

As atividades que o grupo de alunas de Terapia Ocupacional proporcionou a essas crianças e adolescentes contribuiu para que eles pudessem apropriar-se do único espaço coletivo existente no bairro, de maneira consciente e organizada. Eles perceberam a importância de preservar esse espaço e passaram a ajudar na melhoria e

conservação do ambiente mais ativamente, chegando até a sugerir algumas possibilidades, que através de doações puderam ser realizadas, como por exemplo, a pintura da sala. Para a criança ser ativa e em formação constante, é essencial oferecer e encontrar alternativas de atividades nas quais ela possa vivenciar o universo lúdico, tão próprio de sua idade e participar de alguma forma do que acontece ao seu redor.

De acordo com Batista (2003), um dos principais recursos utilizados pela Terapia Ocupacional na atuação com crianças e adolescentes são os brinquedos e brincadeiras, pois ajudam a desenvolver algumas capacidades como a coordenação motora, atenção e raciocínio lógico; estimulando a socialização, a imaginação e a criatividade; sendo que através destes recursos eles se expressam, elaboram papéis sociais, desenvolvem seus sentimentos, assimilam e exploram o mundo. Isso pode ser comprovado na intervenção através das respostas obtidas com as crianças e adolescentes após as atividades realizadas, onde foi observada uma melhor interação entre eles e a melhoria em sua capacidade de participar de projetos coletivos.

Para a Terapia Ocupacional se reafirmaram possibilidades que colocam o campo profissional em diálogo com os processos vividos pela imensa maioria de crianças e jovens em nosso país (AOKI et al., 2006) e a experiência no bairro contribuiu para reforçar a importância de ações territoriais que favoreçam a qualidade de vida dos indivíduos, e também para se iniciar e desenvolver esse espaço de vivências e trocas, tão importante para as crianças e adolescentes desta comunidade, bem como a mobilização da população para que esse espaço tenha continuidade.

## Conclusão

A atuação do grupo de alunas de Terapia Ocupacional com crianças e adolescentes na comunidade facilitou uma atuação mais humanizada e para que pudessem desenvolver com as crianças e adolescentes a expressão de suas necessidades através do lúdico. Tivemos a possibilidade de desenvolver algumas das necessidades apresentadas como a construção de limites, atuação em grupo, expressão da criatividade artística através do corpo e dos materiais. Proporcionamos um espaço de convivência onde todos tinham seu momento, resgatando a necessidade de cada um em se perceber, se sentir parte do grupo e com possibilidades de transformação de seu entorno. Dessa forma foi possível notar os benefícios obtidos através da intervenção, mas ainda assim se faz necessário incentivar profissionais, a comunidade e o poder público na promoção de

ações que estabeleçam condições mais favoráveis para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e suas famílias. Também foi essencial a sensibilização de outras pessoas da comunidade e o poder público para o tema da infância e para a necessidade de espaços de convivência de crianças moradoras de áreas periféricas.

## Referências

AOKI, M; OLIVER, F.C; NICOLAU,S.M. Pelo direito de brincar: conhecendo e potencializando a ação da Terapia ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 17, n. 2, 2006.

BARROS, D.D; GUIRARDI,M.I.G; LOPES,R.E. Terapia ocupacional social. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 13, n. 2, 2002.

BATISTA, G.M. C; NORONHA, J.A.F. A atuação da terapia ocupacional com criança em situação de risco e exclusão social na comunidade (Trabalho de Graduação). Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Paraíba, 2003.

LOPES, R.E. Cidadania, políticas públicas e terapia ocupacional. 1999. 539f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.

LOPES, R.E; BARROS,D.D; MALFITANO,A.P; GALVANI,D. O espaço do brincante na experiência do projeto casarão. **Rev. Ter. Ocup.Univ. São Paulo**, v.12, n. 1/3, 2001.

World Federation of Occupational Therapy; Associação Brasileira de Terapia Ocupacional; Centro de Estudos de Terapia Ocupacional – Ceto. Definições de Terapia Ocupacional. Lins: Faculdades Salesianas de Lins, 2003.